



A cultura dos “corpos dóceis” na escola: reflexão de uma prática que pode resultar na repulsão discente do ambiente escolar.

Elaine de Freitas Soares Condez¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF

Resumo.

O estágio supervisionado é de suma importância na formação docente e não pode ser visto somente como uma etapa que compõe a graduação e sim como um forte processo dessa construção, tencionando a experimentação do cotidiano de sala de aula e das vivências escolares. No espaço escolar, podemos identificar e praticar efetivamente as teorias acadêmicas apreendidas, além de despertar a reflexão sobre sua própria prática e aprendizado. É o momento de aprofundar e perceber como se dá a relação docente – discente, o funcionamento dessa dinâmica, também o papel da escola, como ela lida com os diversos estudantes que possuem individualidades e enxergam naquela estrutura uma fonte formadora. O referido texto, a partir da observância de um cotidiano escolar, balizado pela obra “Vigiar e Punir” do filósofo francês Michel Foucault, objetiva a reflexão de como os estudantes são constantemente controlados, buscando a obstinada “obediência” de corpos que não são organicamente dóceis.

Palavras-chave: Estágio; Educação pública; Docência; Espaço escolar; Cultura escolar.

THE CULTURE OF “DOCILE BODIES” AT SCHOOL: REFLECTION ON A PRACTICE THAT CAN RESULT IN STUDENT REPULSION FROM THE SCHOOL ENVIRONMENT.

Abstract.

The supervised internship is extremely important in teacher training and it can not be seen only as a step that makes up the graduation, but as a strong process of it's construction, intending to experiment with everyday life in the classroom and school experiences. In the school space, we can identify and effectively practice the learned academic theories, in addition to awakening reflection on their own practice and learning. It is time to deepen and understand how the teacher-student relationship works, the functioning of this dynamic, also the role of the school, how

¹ Licencianda em Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF/UERJ.
E-mail: elaine.freitas14@gmail.com ORCID 0000-0003-0952-1032

it deals with the different students who have individualities and see in that structure a source of training. This text, based on the observance of a school routine, guided by the work "Discipline and Punish" by the French philosopher Michel Foucault, aims to reflect on how students are constantly controlled, seeking the obstinate "obedience" of bodies that are not organically docile.

Keywords: Internship; Public education; Teaching; School space; School culture.

LA CULTURA DE LOS "CUERPOS DÓCILES" EN LA ESCUELA: REFLEXIÓN SOBRE UNA PRÁCTICA QUE PUEDE RESULTAR EN LA REPULSIÓN DE LOS ESTUDIANTES DEL AMBIENTE ESCOLAR.

Resumen.

La pasantía supervisada es de suma importancia en la formación docente y no puede ser vista sólo como una etapa que conforma la graduación, sino como un proceso fuerte de esa construcción, con la intención de experimentar con la vida cotidiana en el aula y las experiencias escolares. En el espacio escolar, podemos identificar y practicar de manera efectiva las teorías académicas aprendidas, además de despertar la reflexión sobre su propia práctica y aprendizaje. Es hora de profundizar y comprender cómo funciona la relación docente-alumno, el funcionamiento de esta dinámica, también el rol de la escuela, cómo trata a los diferentes alumnos que tienen individualidades y ven en esa estructura una fuente de formación. Este texto, basado en la observancia de una rutina escolar, guiada por la obra "Disciplinar y Castigar" del filósofo francés Michel Foucault, pretende reflexionar sobre cómo los estudiantes son constantemente controlados, buscando la obstinada "obediencia" de cuerpos que no son orgánicamente dócil.

Palabras clave: Pasantía; Educación pública; Enseñando; Espacio escolar; cultura escolar.

Introdução

A referida experiência de estágio supervisionado, se deu em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro (RJ), em um bairro da zona norte, em turmas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano). Nos dias de acompanhamento das aulas efetivamente falando, foi observada uma relação bastante harmoniosa entre o docente responsável e suas turmas. Todas as turmas gostam do referido professor. Pude observar, cumplicidade e respeito entre as turmas e o docente.

Os estudantes em sua maioria, são agitados, o que está diretamente ligado a idade, sendo intrínseco às suas personalidades. Desde o primeiro dia, pude perceber o que nomeio aqui de uma “herança” do ciclo anterior (fundamental I), que é chamar os professores de “tio” ou “tia”. Acredito que isso seja um indicativo de como aqueles estudantes ainda estão ligados à escola de forma fraternal, enxergando naqueles profissionais, uma extensão de seus laços e também fortalecido por uma questão cultural local (subúrbio carioca), de nomear as pessoas próximas de “tio” ou “tia”.

Conforme o avanço dos dias de estágio e a troca de conversas com alguns estudantes, foi percebido que há uma grande necessidade de escuta e acolhida. Será que a escola tem realizado o seu papel pedagógico e social no que tange essa problemática? A intenção é que a partir da observação realizada na escola e não dentro de sala de aula propriamente dita, seja o fio condutor dessa discussão e da reflexão relevante ao relatado, baseado e delineado no termo “corpos dóceis”, de Michel Foucault.

Observância e escuta

Vejo essa escola com docentes comprometidos com as aulas, pelas conversas nas salas dos professores, mas sinto que falta acolhimento.

Certo momento, uma aluna conversou comigo sobre ela, como se sentia na escola, suas expectativas de vida, seus anseios, seus planos, como passou pelo período da pandemia da COVID-19. Relatou que pretende ser médica veterinária e que compreende a importância da educação na sua trajetória,

principalmente por ser uma pessoa negra. Pressuponho que por eu ser uma pessoa fora daquele cotidiano, ela tenha se sentido à vontade de se abrir e ser a mais sincera possível em relação a quem ela é. Acredito que realmente falte uma pessoa com a qual essas crianças se sintam confortáveis para conversar e consigam realmente serem elas sem medo.

Houve um outro relato de uma aluna, que desabafou sobre si, sobre a família e relacionamentos. Falou também sobre os colegas de turma, do *bullying* sofrido por ela, que já levou o caso até a diretoria, mas que nada mudou em relação a isso. Mais uma vez, me fez aflorar o sentimento da falta de acolhida por parte da escola com os estudantes, de como tratar suas angústias e trabalhar a melhor maneira de lidar com as expectativas e frustrações, pois tudo isso, somatiza-se ao que este indivíduo irá apresentar no ambiente escolar.

A imposição dos “corpos dóceis”

O cotidiano em uma escola pública brasileira apresenta inúmeros processos que dificultam a qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes. Os governos (municipal, estadual e federal) não dão o incentivo para o desenvolvimento educacional. A desigualdade social, que a maioria da nossa população se encontra, corrobora para que as escolas públicas não sejam prioridade, com a finalidade de manter um sistema de exploração das classes menos favorecidas.

Em qualquer instituição pública de educação, podemos diagnosticar problemas e dificuldades de várias naturezas, desde péssima qualidade nas infraestruturas das escolas, a falta de professores e a qualidade do ensino que se atrela ao baixo rendimento escolar.

Não se pode então, alimentar ferramentas que reforcem essas dificuldades ou que possam repelir essas crianças da sala de aula. Segundo Paro (2001) a maioria do corpo discente das escolas é de origem carente e vivem em um ambiente com problemáticas de natureza cultural, afetiva, material e psicológica. (Apud OLIVEIRA e NÓBREGA, 2021).

Recortando para o nosso objeto de análise, que é uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, boa parte dos seus estudantes são moradores das comunidades que se encontram na localidade (bairro onde a escola se encontra) e nos seus arredores. Essas crianças convivem com várias problemáticas, desde a distância desses lugares até a escola, a violência local e problemas familiares, que perpassam pela renda, estrutura familiar e moradia, por exemplo.

Segundo Carlos, (2021, p.49) “é o processo de reprodução do capital que vai indicar os modos de ocupação do espaço pela sociedade (...)” Por isso, encontramos nessas localidades pessoas pobres, vulneráveis, sem assistência do Estado e de predominância negra, ratificando o racismo, que é uma estrutura da qual nossa sociedade é balizada. Por isso, o ambiente escolar precisa ser um espaço acima de tudo de acolhimento para essas crianças que já convivem diariamente com obstáculos para sobreviverem.

O que foi observado nos dias de estágio supervisionado, que chamou atenção para essa discussão, é como o corpo administrativo e pedagógico dessa escola lida com essas crianças. Ou seja, uma constante repressão e vigia de seus comportamentos, que repele eles de um convívio harmonioso com os funcionários no geral e do próprio ambiente escolar e o que me leva a pensar diretamente no conceito de “corpos dóceis”, cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault.

Foucault (2004) em sua obra “Vigiar e Punir”, discute como o controle das ações faz de um indivíduo ser sujeito a um molde, a manipulação, a um treinamento, a obediência, visando uma pessoa dócil, que não confronta, que não se coloca, que é cerceado da sua identidade, seguindo um padrão social, aspirando o que ele também chama de “docilidade-utilidade”. Essa docilidade, serve justamente para atender sem crítica e utilidade, objetivando que a partir desse “treinamento”, o indivíduo seja capaz de produzir e se reproduzir conforme o esperado pela sociedade, um eterno estado de sujeição.

As escolas reproduzem as “disciplinas” (cerca, quadriculamento, localização funcional e fila) elencadas por Foucault, que são métodos que têm como objetivo essa sujeição.

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. (FOUCAULT, 2014, p.135).

Foucault (2014, p.144) continua explicando que “as disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos”. Ou seja, a escola funciona como uma infraestrutura que visa estabelecer a ordem, além de toda a relação de poder existente, por uma construção histórica de uma educação conservadora.

As situações vivenciadas na observação do cotidiano escolar trouxeram para esta reflexão: como ainda certas práticas são utilizadas para controle das crianças? Logo na entrada da escola, existe um quadro com várias regras de conduta e de comportamento, como horário limite para chegada e como eles devem ir vestidos.

Outra situação de repressão, é que todos os dias, antes do início das aulas, os estudantes precisam se organizar em filas, no pátio da escola, divididas por turma e cada turma por sexo, para poderem entrarem nas suas respectivas salas de aula. Quando o professor chega, o próprio ou um agente educador, chama primeiramente as meninas e logo em seguida, os meninos de uma determinada turma.

Desde de que eles adentram o espaço escolar, já são forçados a se colocarem em filas e estarem disciplinados, para não haver aglomeração, ou qualquer tipo de agitação por parte das crianças. As crianças ficam sendo constantemente chamadas atenção, para que se mantenham nas filas. Evidentemente, que não são todas que realizam tal ordenamento e as que estão na fila não ficam 100% ordenadas.

Há também o controle de como as crianças estão indo vestidas para a escola. Todos vão com a blusa oferecida pela Prefeitura, que compõe parte do uniforme. Poucos vão com a bermuda, a outra parte do uniforme. A maioria vai de calça jeans. Não pode calça tipo “legging” para as meninas e bermudas com rasgos para os meninos, por exemplo. Chinelo também não são

permitidos, pois não configuram como uniforme escolar.

Uma situação bastante delicada ocorreu com o impedimento de uma aluna que chegou vestida, segundo uma agente educadora, com uma calça que não configura o uniforme, para entrar na escola. A mesma sinalizou que era seu direito assistir aula e dirigiu-se à escada que dá acesso às salas. A agente absorveu a atitude como uma afronta e começou a gritar com a estudante, mobilizando assim outros colegas de trabalho. Um agente (sexo masculino), interviu na situação sendo o mais opressor possível com a estudante (“Você não vai crescer em cima da gente, não! Você é uma abusada! Sua mãe já foi chamada aqui, você quer que ela venha novamente, para você ser expulsa da escola? ”). Coagindo, gritando palavras de ordem e se colocando como uma figura de poder naquele momento. Foi relatado, pela agente educadora pivô da situação, que a referente estudante tem um histórico problemático, por isso se faz uma observação mais “forte” em cima dela.

Outra prática, nessa mesma direção, foi relatada pelo professor supervisor responsável pelo estágio. Foi sugerido aos professores, pela direção da unidade escolar, que se cantasse em um determinado dia da semana o Hino Nacional. O professor não concordou e argumentou que tal atitude, principalmente na atual conjuntura política, poderia fazer alusão a um capítulo bastante triste da história brasileira (Ditadura Civil-Militar). O docente entendeu que era mais uma forma também de controlar aquelas crianças com uma visão “patriótica”. A ideia (ainda bem) não seguiu adiante.

Não estou aqui defendendo que a escola seja um local sem qualquer nível de organização, pois se faz necessário para o funcionamento da dinâmica escolar. Porém para um estudante, que é atravessado por tantos fatores, será mesmo importante para a sua formação intelectual e de caráter ficar em forma antes do começo do turno de aula ou ir com a roupa “x” ou “y”? Ser impedida de assistir aula, por conta de uma calça e ainda ser tratada de forma subjugada?

Os discentes se encontram cada vez mais desmotivados e/ou desinteressados para estarem na escola e assim não faz sentido existir tais regras que possam vir a afastar cada vez mais esse sujeito da sala de aula.

Nos últimos tempos, passamos por tantas dificuldades e tragédias, como a pandemia da COVID-19, que intensificou essa distância e sentimento de pertencimento do estudante junto a escola, não há lógica de cada vez mais transformar um local que historicamente já é colocado com um formatador, em um local onde a criança não se sinta confortável e atraída de estar.

Emerge dessas situações a necessidade fundir teorias e práticas educativas emancipatórias tal qual nos ensinam os escritos freireanos. Uma das grandes bases da docência, realizada na escola, segundo Freire (2021), é o respeito ao discente. O educador que não respeita, está tolhendo a liberdade, a criatividade, a autonomia, a criticidade e está rompendo com a ética docente. Tal prática não condiz com a ética docente, é um rompimento com a humanidade. Nas palavras do autor

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda “ele se ponha no seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2021, p. 58 e 59).

Fico na esperança que essas crianças, independentemente de suas realidades e do cotidiano escolar, continuem enxergando a escola como um lugar de aprendizagem, de conhecimento, de socialização, de construção da cidadania.

Considerações finais

O estágio supervisionado, além de ser uma prática de conhecimento, aprofundamento e reflexão da futura docência, é uma ferramenta para a compreensão de todas as demandas que atravessam o cotidiano escolar.

Sendo assim, tal experiência confere uma construção do comprometimento de uma docência livre de amarras sistêmicas, com a percepção da realidade educacional e social com criticidade, a qual se faz necessário no exercício de seu trabalho, a fim de resultar em uma docência

que tem como finalidade não somente a educação propriamente dita, mas também voltada para um caráter emancipatório do estudante, principalmente por conta de que a educação pública no Brasil é um retrato de uma negligência histórica.

E quando falamos de escolas das grandes metrópoles, a problemática se intensifica, pois, além dos já conhecidos déficits, é preciso atender outras demandas, que perpassam as questões econômicas, sociais e culturais. Dentro dessas exigências, as escolas precisam estar atentas e dar importância a questões que realmente tornam o ambiente escolar atrativo para uma geração de estudantes cada vez mais distantes da escola, no seu sentido pleno de cidadania. É preciso olhar a individualidade, assim como a pluralidade, sem querer “moldar” personalidades “dóceis”, visando a emancipação do sujeito-discente para o rompimento de paradigmas.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

OLIVEIRA, Francisco Lidoval de; NÓBREGA, Luciano. Evasão escolar: um problema que se perpetua na educação brasileira. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 19, 25 de maio de 2021. Disponível em <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/19/evasao-escolar-um-problema-que-se-perpetua-na-educacao-brasileira>> Acesso em 08 nov. 2022.